

**POSSIBILIDADES DE UMA METODOLOGIA ALQUIMISTA PARA PESQUISAR  
EM EDUCAÇÃO E EM CURRÍCULO**

**POSSIBILITIES OF ALCHEMY METHODOLOGY FOR RESEARCH IN  
EDUCATION AND CURRICULUM**

**CARDOSO, Livia de Rezende \***

**PARAÍSO, Marlucy Alves \*\***

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Inclusão Social – na Linha de Pesquisa Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículos – e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Currículos e Culturas (GECC) na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Assistente I do Departamento de Educação (DEDI) e Coordenadora da Sala Verde da Universidade Federal de Sergipe. Licenciada em Ciências Biológicas (2006) e Mestre em Educação (2009) pela Universidade Federal de Sergipe. Possui experiência na área de Educação, atuando nos seguintes temas: Currículo, Estudos Culturais e Educação em Ciências.

\*\* Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

## RESUMO

Vivemos em um tempo em que a ciência e seus efeitos vêm recebendo críticas de diferentes tipos e oriundas de diferentes teorias. As teorias pós-modernas, pós-estruturalistas, feministas, Queer e de gênero, para citar algumas delas, ao colocar sob suspeita a verdade e seus modos de produção, atingem o âmago dos modos como são feitas as mais diferentes investigações. As pesquisas em educação, é claro, não ficam imunes a esses questionamentos. É por isso que, cada vez mais, buscamos encontrar modos de pesquisar que levem em consideração as aprendizagens que tivemos com essas teorias. Neste artigo, recorreremos à *alquimia* para pensar modos pelos quais se pode compor metodologias sem os excessos de rigidez e de recomendações que têm permeado a ciência moderna. Objetivamos discutir possibilidades de uma *metodologia alquimista* às pesquisas em educação e em currículo. Essa metodologia é aqui apresentada como uma pesquisa-experimentação porque com ela arriscamos por sabemos que nada está garantido e que não existe um livro de metodologia a ser seguido. Ensaíamos juntar e afastar, articular e dispersar, fazer colagens, hibridismos e bricolagens. Discorremos acerca dos encontros entre *pedras filosofais* e etnografia pós-moderna. Visitamos *pergaminhos* para recriar *homúnculos* sob inspiração da análise foucaultiana de discurso. Traçamos, por fim, caminhos percorridos por *bruxas alquimistas* ao experimentarem em suas *cavernas* – tais como salas de aula, materiais pedagógicos, recreios, idas a campo –, ao inscreverem seus textos como ciência e ao transmutarem o mundo, os currículos e a si mesmas por insatisfações com o já sabido.

**Palavras-chave:** Pesquisa em Educação. Etnografia pós-moderna. Pesquisas pós-críticas.

## ABSTRACT

We live in a time in which science and its effects have been receiving criticism from different types and from different theories. Theories postmodern, poststructuralist, feminist, queer and gender, to name some of them, by impugning the truth and its modes of production, reach the core of the ways are made more different investigations. Researches in education, of course, are not immune to these challenges. That's why, increasingly, we seek to find ways of searching that take into account the learning we had with these theories. In this article, we resort to alchemy to think about ways in which you can compose methodologies without excessive stiffness and recommendations that have permeated modern science. This paper discusses possibilities of an alchemist to research methodology in education and curriculum. This methodology is presented here as a research experiment with it because we know that by risking nothing is guaranteed and that there is a book of methodology to be followed. We rehearsed together and away, articulate and disperse, making collages, hybridism and bricolage. We discuss about the meetings between Philosopher's Stones and postmodern ethnography. We visited scrolls to recreate homunculi inspired by Foucault's analysis of discourse. We traced ultimately paths taken by alchemists to try witches in their caves - such as classrooms, teaching materials, recreation, field trips - to enroll their texts as science and transmuting the world, curricula and themselves by dissatisfactions with the already known.

**Keywords:** Education Research. Postmodern Ethnography. Researches post-critical.

## 1 A METODOLOGIA ALQUIMISTA É PÓS-CRÍTICA

As abordagens teóricas que conhecemos sob os rótulos de pós-estruturalismo, pós-modernismo e pensamento da diferença têm influenciado significativamente as pesquisas em educação nos últimos anos. No Brasil, os efeitos combinados dessas correntes expressam-se naquilo que se convencionou chamar de pesquisas *pós-críticas* em educação (PARAÍSO, 2004, p. 284). Mesmo com diferentes questionamentos que circulam entre nós sobre se o *pós-crítico* é realmente o nome mais adequado para nos referirmos a esse tipo de pesquisa (ver VEIGA-NETO, 2003, p. 210), chamaremos aqui essa postura intelectual e esse tipo de pesquisa de *pós-críticos*. Com essa designação não estamos expressando o sentido de negação, nem de ultrapassagem ou superação do crítico. O que queremos ressaltar é uma mudança significativa no pensar, no problematizar e no fazer críticos das pesquisas em educação e em currículo.

As pesquisas pós-críticas utilizam “uma série de ferramentas conceituais, de operações analíticas e de processos investigativos que as destacam tanto das teorias tradicionais como das teorias críticas que as precederam” (PARAÍSO, 2004, p. 284). Tais abordagens e tipos de pesquisas, embora já sejam disseminadas em investigações que tomam diferentes temas da educação como objeto de estudo, têm encontrado campo fértil de suas experimentações nas investigações sobre currículo<sup>1</sup>. Objetivamos neste artigo discutir como temos feito essas experimentações, como fazemos nossas pesquisas, como procedemos, o que consideramos que podemos articular ou não em termos de “procedimentos e métodos”, especialmente quando vamos investigar currículos nas escolas. Como as pesquisas pós-críticas não possuem um método seguro a ser seguido, é muito comum nos depararmos com muitas dúvidas quando nos questionam sobre como fazemos nossas investigações. Afinal, o que há de diferente em nossas metodologias? Como procedemos quando investigamos apoiados/as em referenciais pós? As diferentes metodologias existentes dão conta de explicitar como fazemos nossas pesquisas?

Muitas vezes em nossas pesquisas pós-críticas, na ânsia de evitar essas cobranças e para responder aos/às inúmeros/as interlocutores/as – ocultos/as ou explícitos/as – que temos, acabamos nos ancorando em “modelos de pesquisa” já consagrados em outras abordagens teóricas, que parecem não combinar com o que fazemos. Dizemos então que a metodologia usada é a etnografia, a observação participante e até mesmo a utilizar jargão como “pesquisa qualitativa” que, embora convencionais na educação, pouco explicam sobre os modos como

fazemos nossas investigações. Também sabemos que as possibilidades já inventadas de investigação que podemos usar em nossas pesquisas educacionais são muitas. Nelson, Treichler e Grossberg (2008) indicam algumas dessas possibilidades: análise textual, semiótica, rizomática, etnografia, entrevistas. Mas, realmente, o modo como procedemos ao pesquisar parece não ser nada disso e muito disso ao mesmo tempo.

É comum também dizermos, em nossas pesquisas, que vamos trabalhar com a “análise enunciativa” ou “análise de discurso” ou com “elementos da genealogia” ou ainda da “cartografia”, tentando nos aproximar dos modos de fazer pesquisa utilizados por autores/as importantes para a perspectiva teórica com a qual trabalhamos, especialmente Michel Foucault e Gilles Deleuze. Sim, realmente utilizamos em nossas pesquisas pós-críticas, pós-estruturalistas ou pós-modernas a análise do discurso, as análises das relações de poder, dos modos de subjetivação inspiradas em procedimentos que retiramos dos trabalhos feitos por Michel Foucault. Utilizamos elementos da cartografia, da esquizoanálise, dos mapas desmontáveis, que aprendemos dos trabalhos de Gilles Deleuze. Em nossos modos de operar, também arriscamos procedimentos da desconstrução que retiramos dos estudos feitos por Jaques Derrida. Contudo, em nossas pesquisas o que fazemos mesmos é articular, juntar, costurar, inventar. Argumentamos, neste artigo, que o “método” adotado em nossas pesquisas trata-se de uma *alquimia*, isto é: articulamos procedimentos, reinventamos outros, “roubamos” modos de fazer pesquisa que consideramos adequado para a nossa problemática; fazemos bricolagem, hibridismos, colagens de procedimentos que se modificam ao se juntarem com os conceitos que operamos.

A pesquisa que buscamos fazer, com a *metodologia alquimista*, pode ser caracterizada como uma pesquisa-experimentação. Ela é experimentação porque arriscamos, sabemos que nada está garantido e que não existe um livro de metodologia a ser seguido. Juntamos e afastamos, mas explicamos como juntamos e porque nos afastamos. Empenhamo-nos a desaprender o já sabido e experimentamos operar com outros conceitos, usar outros procedimentos e ensaiar outras explicações porque sabemos que necessitamos estar insatisfeitas com o já dito, o já significado e com o já sabido sobre o objeto escolhido.

Quanto mais fazemos pesquisas com procedimentos, teorias e conceitos híbridos, com bricolagens, com junções, com articulações, mais explicações temos que dar, mais costuras temos que fazer, mais riscos temos que assumir. Como sugere Veiga-Neto, a complicação aumenta ainda mais quando tentamos articular conceitos entre teorias. “Em cada situação dessas, paga-se sempre o preço de ter de situar, em detalhe, de onde estamos tirando os

elementos para construir nossos objetos de pesquisa, de onde se pode dizer o que está dizendo, que mundo é esse sobre o qual estamos tematizando” (VEIGA-NETO, 2002, p. 46). Aceitamos tudo isso. Exatamente por isso resolvemos, numa experimentação, denominar o modo como pesquisamos de uma *metodologia alquimista* e discutir seus procedimentos para o uso em pesquisas educacionais que investigam práticas escolares ou curriculares. A *metodologia alquimista* aqui apresentada é resultante de uma junção híbrida de procedimentos lidos de diferentes modos de pesquisar. Mas ela também é fruto de nossa *alquimia*, de nossa re-significação do lido, de nossas recriações e invenções. São as posturas intelectuais e os procedimentos investigativos dessa metodologia que discutiremos a seguir.

## **2 METODOLOGIA ALQUIMISTA PARA MAPEAR ENUNCIÇÕES, SENSAÇÕES E SENTIMENTOS E PROBLEMATIZAR CERTEZAS E SIGNIFICAÇÕES**

Verdade, certeza, acerto, comprovação, realidade, segurança. Essas são algumas palavras que, geralmente, estão vinculadas ao termo ciência. Por conseguinte, engano, falsidade, erro, ilusão, duvidoso seriam palavras repudiadas na prática científica. Optamos, aqui, por iniciar esta discussão metodológica tendo isso como referência não para rememorá-lo a todo o momento, como num impulso de investirmo-nos de maior “rigor científico”. Ao invés disso, queremos trazer a lembrança de que na ciência há inúmeros equívocos e, com isso, explicitamos que não a vemos como verdade inquestionável, considerando-a uma “construção interessada” (MOSTAFA, 2004, p. 70).

Aqui, interessa-nos construir uma ciência sem ferramentas rígidas e que a tudo permite tornar-se inspiração. Uma ciência sem caminhos para, assim, deixar-nos desejar múltiplas possibilidades de caminhar. Uma ciência sem modelos, em que o único paradigma permitido é o da invenção. Dessa *metodologia alquimista*, resultaria “uma bricolagem diferenciada, estratégica e subversora das misturas homogêneas típicas da modernidade” (CORAZZA, 2002, p. 121).

Ao adentrar em diferentes *cenários educativos*, arriscamos uma “pesquisa experimentação” para buscar, dentre outros acontecimentos, “as condições sob as quais algo de novo é produzido” (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 16). Cuidamos para termos muito explicitadas as nossas perguntas, as perspectiva teóricas e os conceitos que nos permitem ver e dizer o que vimos e sentimos. Para tanto, o/a pesquisador/a seleciona ferramentas de investigação como material de um trabalho manual e paciente para ver, sentir,

escutar, fazer falar. Essas ferramentas são lupas, pinças, cadinhos, estufas ou, quiçá, olhos, mãos, bocas, ouvidos, corpos. Afinal, como sugere Costa (2002, p. 16), “não importa o método que utilizemos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber relações entre poder e saber”. Importa, ainda, colocar para funcionar “outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentido há sentidos” (CORAZZA, 2002, p. 111). Enfim, o que interessa a um/a cientista em devires pós-moderno é “problematizar todas as certezas, todas as declarações de princípios” (VEIGA-NETO, 2002, p. 34).

Mas não é apenas a escolha da abordagem metodológica que intriga. O próprio teor inesperado, inusitado e surpreendente dos *cenários educativos* trava qualquer pretensão de estabelecer rigidamente os caminhos a serem seguidos. Por isso, com a *metodologia alquimista*, experimentamos. Sem perder o rigor, autorizamo-nos a cometer erros e a recomeçar sempre, a investigar de um modo diferente dos modos por demais rígidos. Descartamos a rigidez ainda que buscando permanentemente o rigor. Mas esse rigor tem que ser somado à alegria, à descontração, assumindo todos os riscos e as alegrias do experimentar, do juntar, do *processo alquímico*. Autorizamo-nos a ler o mundo de uma aula, de um currículo, de uma escola, de um artefato cultural, de um discurso com rigor e leveza, livres da rigidez de ter que classificar nossa leitura em um método já pronto e completamente definido.

Com a *metodologia alquimista* aventuramo-nos a construir uma narrativa, que é fruto do híbrido que nos cerca, sabendo de nossa implicação nessa construção e explicitando nossa posição nessa construção. Aceitamos, com a *alquimia*, relatar significações, enunciações, sensações, sentimentos. Priorizamos o modo de “funcionamento” de um discurso, de um texto, de uma aula, de um artefato. Desconfiamos das “descobertas”. Com a *alquimia*, experimentamos investigar em educação de um modo geral, e em currículo, de modo particular, sem seguir “um método” seguro e, portanto, com base em um “significado da prática científica que se opõe radicalmente à visão canônica que dela se teve até recentemente na sociedade ocidental” (BUJES, 2002, p. 11).

Ao clamar pela *metodologia alquimista*, que é também pesquisa experimentação e experimentalmente pós-moderna, extrapolamos amostras, ensaiamos artifícios, potencializamos meios e fins. Inventamos nossos “instrumentos através dos objetos” (FOUCAULT, 2006c, p. 229). Assumimos as possibilidades da invenção de uma metodologia pensada e fabricada pela alquimia que é “arte química” (PORTO, 2006, p. 172), que “parece

uma ciência sem ser. [...] Chega mesmo a ser surrealista” (LENTIN, 1996, p. 111). Uma atividade considerada “pré-científica que visava alcançar uma melhor compreensão do cosmo, da matéria e do homem” (LENTIN, 1996, p. 111). Em síntese, trata-se de uma tradição antiga que combina elementos de Química, Física, Astrologia, Arte, Filosofia, Metalurgia, Medicina, Misticismo, Geometria e Religião. Foi uma fase importante na qual se desenvolveram muitos dos procedimentos experimentais e conhecimentos que mais tarde foram utilizados pela ciência moderna (PAWELS; BERGIER, 1985).

Pensada de vários lugares, desejosa de novas composições, de desconcertantes possibilidades, que horas se envenena, a *metodologia alquimista* é movimentada para: *produzir a Pedra Filosofal* e *criar vida humana artificial*, os *homúnculos*. Em tal movimento, a *bruxa* – personagem conceitual escolhida aqui para guiar a leitura e entendida como uma pesquisadora alquimista – aproximou dois campos de pesquisa: a Etnografia Pós-moderna e a Análise do discurso foucaultiana. Nessa tentativa de aproximação, permitiu-se misturar conceituados/as autores/as pós-críticos/as, mesmo que eles/as nunca tivessem dialogado entre si, e utilizar suas teorias, roubando e incorporando parcialmente suas falas, mesmo indicando a quem correspondia cada uma delas. Inseriu-se nesses campos como etnógrafa pós-moderna e analista do discurso na tentativa de construir uma *ciência alquimista* a partir do que esses/as autores/as discutem e problematizam acerca do fazer ciência na pós-modernidade, mesmo sem nunca terem discutido sobre *alquimia* e *bruxa*.

Eis, a seguir, o traçado de uma “imedótica de práticas de pesquisa, construída pelas práticas já existentes, mas acrescida daquelas que pudermos e necessitarmos criar quando saltarmos das pontes” (CORAZZA, 2002, p. 126). *Horror! Pavorosa hipótese! Bruxaria! Loucura! Para a fogueira!* Poderiam até gritar homens brancos, homens de ciência, homens do método clássico, inquisitorial (PAWELS; BERGIER, 1986). Assumimos o risco do *erro*. Afinal, para Foucault (1970, p. 11), “talvez não haja erros em sentido estrito, porque o erro não pode surgir e ser avaliado senão no interior de uma prática definida”. Assumimos esse erro porque quem aqui escreve, experimenta e cria são mulheres, são *alquimistas*, são *bruxas*.

### 3 CONTRIBUIÇÕES DA ETNOGRAFIA PÓS-MODERNA

“(...) *depende de tal princípio o aumento e procriação de Metais puros. Portanto, disso poderia ser preparada a Pedra Filosofal, que converteria todos os outros metais em ouro*”. Tais palavras foram proferidas pelo alquimista Boerhaave, em 1734<sup>2</sup>, quando

discorreu sobre o poder da Pedra Filosofal: substância capaz de provocar a magia da transmutação de quaisquer *metais inferiores* em *ouro*. Embora na química, o termo “metais inferiores” refira-se aos materiais de baixa densidade, aqui, assumimos esse termo sem nenhuma conotação valorativa. Chamamos de *metais inferiores* quaisquer práticas de prescrição, de ordem, de enquadramento para que algo se torne de uma forma específica. Já, *ouro*, aqui, é usado para referir-nos às práticas criativas, às atividades que extrapolam as possibilidades, ao encontro entre alunos/as e professores/as ou ao produto das pesquisas-experimentações.

Em meio às buscas e às produções de tal mineral ao longo dos tempos – primeiro desejo de uma *bruxa alquimista* –, a etnografia se modificou substancialmente em meados do século XX. Inicialmente, surgiu uma nova classe de intelectuais com o desejo de anunciar a crise da razão e da ciência ocidental, influenciados pelo movimento pós-estruturalista francês, sendo Foucault um dos maiores representantes. Os/as *alquimistas* – ou antropólogos norte-americanos, James Clifford, George Marcus, Dick Cushman, Marilyn Strathern, Robert Thornton, Michael Fischer – passam a modificar o processo de escrita etnográfica.

Os novos *procedimentos alquimistas* produzem a *Pedra Filosofal* ou Etnografia pós-moderna como um texto ou gênero literário, enfatizando as novas alternativas de escrita etnográfica (JORDÃO, 2004). Nos *pergaminhos* dos *alquimistas* desse modo de fazer etnografia, encontraríamos curiosas passagens: *experimental, experimental, experimental!*; construir narrativas interessadas; declarar uma invisibilidade impossível; produzir variados mundos através de suas próprias lentes; *desejar, desejar, desejar!*; investigar espaços comuns e impregnar-se deles para estranhá-los; fugir de conceitos totalizantes; ultrapassar as aparências; *criar, criar, criar!*

A etnografia pós-moderna é, então, utilizada para *tocar* um dado *metal inferior* – uma cultura qualquer não tocada, não experimentada – num desejo de que este se torne um material mais puro, o *ouro* – cultura tocada, experimentada, desejada, criada. Sim, trata-se de “experimental, em lugar de interpretar” (MONTEBELLO, 2010, p. 131). Com isso queremos “dizer coisas simples em nome próprio, e nada além. Experimental, abrir-se às multiplicidades, às intensidades que percorrem, de ponta a ponta, a própria pele” (MONTEBELLO, 2010, p. 131). Assumimos que, num processo de *fabricação* rico em experiências, *bruxas* deixam-se levar pela intuição, pelas sensações que *os metais inferiores* lhes proporcionam, pelas possibilidades de *transmutarem-se* e construir suas *pedras*.

Uma *bruxa alquimista* experiente já entende que, no *toque*, a etnografia pós-moderna

produz um texto, “situa as interpretações culturais em diferentes contextos intercambiáveis e obriga os escritores [*alquimistas*] a encontrar diversas maneiras de apresentar realidades [*ouro*], que são de fato negociadas, como inter-subjetivas, cheias de poder e incongruentes” (CLIFFORD, 1986, p. 15). Enfim, entende que “os dados não falam por si só” (FONSECA, 1999, p. 69), ao contrário, o material empírico é *tocado*, é experimentado pelas lentes de quem observa. Por conseguinte, a etnografia pós-moderna é o discurso do mundo pós-moderno, pois “o mundo que fez a ciência, e que a ciência fez, é agora um modo arcaico de consciência” (TYLER, 1986, p. 123). Por ser, sua ação, um discurso, Crapanzano (1986, p. 53) destaca que o/a pesquisador/a assume uma “invisibilidade impossível”. Afinal, a presença, o ato, a experimentação, o *toque* da *bruxa* é processo intencional, declarado, assumido e *ambicioso!*

A *bruxa alquimista* não parte para o *toque* sem antes saber como se quer a *pedra filosofal*. Isto é, “sem pré-concepções ou diretrizes para sua observação”, sua escrita etnográfica (WIELEWICKI, 2001, p. 29). Porém, no processo *ambicioso* de tudo querer *tocar* para virar *ouro*, a *bruxa* pode se *envenenar* nos seus próprios *procedimentos alquímicos*. Assim, ela precisa considerar que, no ato de *tocar* [descrever/experimentar/multiplicar os sentidos] o *metal inferior*, ela é a “detentor[a] do poder de representá-los”, mas sem almejar a pretensão de reproduzir a “realidade” do grupo pesquisado (WIELEWICKI, 2001, p. 29). Além disso, uma possível “autoridade monofônica é questionada, aparecendo como uma característica de uma ciência que pretendeu representar culturas” (CLIFFORD, 1986, p. 15). Uma alternativa apresentada às/pelas *bruxas alquimistas* seria o *procedimento alquimista* da polifonia, da “etnografia experimental” (LACERDA, 2001).

Ao ficar, portanto, em contato com os *materiais inferiores*, a *bruxa* os conhece bem e até se assemelha a eles. Porém, não acredita que seja necessário um afastamento daquilo que lhe é comum. Realmente, isso não se configura como um problema para o/a pesquisador/a na *metodologia alquimista*. A etnografia pós-moderna é produzida por quem vive, experimenta e se insere em tal conjuntura. Nesse contexto, “não prevalece nem o critério comumente adotado pelas monografias clássicas – em que o rotineiro permanecia anônimo, enquanto o excepcional era identificado –, tampouco o procedimento oposto, adotado pelas etnografias contemporâneas realizadas em sociedades distintas das do pesquisador” (BEVILAQUA, 2003, p. 54).

A Etnografia, em sua versão pós-moderna, pode sim ser realizada em espaços comuns e conhecidos da *bruxa*. Na *metodologia alquimista* que operamos, afastamo-nos da idéia de

que a etnografia só pode ser realizada em “outras culturas” como concebiam alguns etnógrafos que adentravam “culturas primitivas”<sup>3</sup>. O/a pesquisador/a pode e deve realizar investigações em espaços comuns ao seu cotidiano, tais como: escolas, praças, eventos, ruas, shopping, festas. Consideramos que isso propicia “captar arranjos, mecanismos e saídas surpreendentes dos atores sociais e que não são visíveis a um olhar meramente de fora” (MAGNANI, 2003, p. 93). Então, com a *metodologia alquimista*, experimentamos diferentes *toques, transmutações, pedras filosofais*. Reconhecemos que, “por olhar de perto e de dentro” o *ouro* carregará marcas de ambos: da *bruxa* e do *metal inferior*. Porém, tal produto textual será “mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, [...] e mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador” (MAGNANI, 2002, p. 17).

A etnografia pós-moderna que não é mais vista, na *metodologia alquimista*, como uma observação participante. Na observação participantes, entende-se que há “o estabelecimento de uma distância entre o antropólogo e sua cultura e a cultura do grupo estudado” (JORDÃO, 2004, p. 37). Já a vertente pós-moderna da etnografia, há uma crise da ciência em geral, acreditando-se que “tudo é possível no texto e no trabalho de campo, desde que exista uma ruptura de fato com o pensar e fazer antropológicos de até então” (JORDÃO, 2004, p. 44). Torna-se, assim, mais que um *toque*, torna-se um encontro no qual *bruxas alquimistas* e *metais inferiores* experimentam uma relação fluida, cambiante e imprevisível. Fluida por ser informe ou sem partir de uma configuração a priori. Cambiante por gostar do indefinido, do indistinto, do imprevisto que a etnografia reserva. O encontro estabelecido entre *bruxa* e *metais inferiores*, portanto, deve primar pelo ensaio, pelo exercício, pela inovação dos *procedimentos alquimistas* da etnografia pós-moderna em busca de múltiplas *pedras filosofais*. Logo, quaisquer pesquisador/a na etnografia, e, aqui, a *bruxa*, devem “evocar, sugerir conexões de sentido, provocar, ironizar, mas não descrever totalidades culturais” (LACERDA, 2001).

É tarefa básica da *bruxa alquimista* explorar a dimensão política que caracteriza a construção de significados. Um processo que “envolve sujeitos [*materiais inferiores*], portadores de distintos recursos materiais e simbólicos, em situação de cooperação e conflito” (JAIME JUNIOR, 2003, p. 452). Os/as pesquisados/as – isto é, os *materiais inferiores* – não são puros, suas características expressadas, suas vozes, são sinalizadas como pertencentes “a outro registro, outra língua, outro discurso” (SILVEIRA, 2002, p. 69). Na intenção de produzir uma satisfeita *pedra filosofal* ou etnografia pós-moderna para o material a ser *tocado*, na *metodologia alquimista* aqui apresentada, reconhece-se a necessidade de não ficar

no plano das aparências. Afinal, “perceber diferente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 1998, p.13).

#### 4 HOMÚNCULOS OU POSIÇÕES DE SUJEITO

*Põe-se num alambique a porção suficiente de sêmen humano, sela-se o alambique e este é conservado durante quarenta dias à temperatura semelhante à que prevalece no interior dum cavalo. Ao fim de este prazo, a semente humana começa a crescer, a viver e a mover-se. A isso se dá o nome de homúnculo. Deve ser tratado com todo o cuidado, até crescer o necessário e começar a evidenciar sinais de inteligência<sup>4</sup>. Eis o segundo desejo de uma bruxa alquimista: a produção de homúnculos, que é a vida humana criada a partir de materiais inanimados (GOLDFARD; FERRAZ, 2006). Aqui, usamos esse termo para pensar na produção de subjetividades quando realizada a etnografia.*

Desvendar como cada um desses seres, *homúnculos* ou das diferentes subjetividades contemporâneas, são produzidos é, também, tarefa da *metodologia alquimista*. Porém, esse não é um trabalho simples, pois a criação de *homúnculos* envolve segredo e não se encontra facilmente *pergaminhos com manuais de criação de homúnculo* em todo lugar! Para isso é necessário recorrer a algum *alquimista astuto* que auxilie no processo de análise de como tais *homúnculos* são fabricados. Temos solicitado caminhos, nessa empreitada, a Michel Foucault, não para encontrar *o sêmen* ou *a semente*, mas para recriar os passos da invenção e, por conseguinte, conhecer a formação das subjetividades dos *homúnculos*. É importante registrar que procuramos nesse processo, não o “ponto de criação”, mas sim o “princípio de descontinuidade” dos discursos e seus desdobramentos estratégicos (FOUCAULT, 1970, p. 19).

Para tanto, a *bruxa*, em sua *metodologia alquimista*, faz traçados usando, por exemplo, conceitos/*ferramentas* foucaultianos. Analisa, nesse sentido, o discurso como *elemento que compõe os homúnculos<sup>5</sup>*, como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55). Afinal, com Foucault e operando com a *metodologia alquimista*, a *bruxa* passa a entender que o segredo está em desnaturalizar as “enunciações<sup>6</sup>”, em desconfiar das essências mascaradas nos saberes contidos nos *pergaminhos*. Sabe, então, que tudo é produzido, criado e reinventado. Mas nesse processo de produção, há articulações com poderes, há estratégias e táticas que ao serem acionadas na produção dos saberes deixam no próprio discurso suas marcas. Cabe a ela, que tomou a tarefa de mostrar a composição dos

*homúnculos*, narrar de que modo se dá essa composição e que articulações estratégicas carrega. É por isso que, operando com a *metodologia alquimista*, a *bruxa* deixa de acreditar nas “enunciações” e passa a mapeá-las, “escutá-las”, mostrar suas relações, para perceber suas condições de existência, os *acontecimentos que elas instauram*, as *formas* que elas tomam, as *estratégias que nela são usadas*, seus *investimentos*, as *repetições* e seus *feitos e efeitos discursivos*. Com a leitura dos *pergaminhos*, a *bruxa* deseja realizar *alquimias* pondo a diferença em movimento.

O/a pesquisador/a, ou a *bruxa*, operando com a *metodologia alquimista*, precisa entender que “é inserindo-se no discurso, aprendendo as regras de sua gramática, de seu vocabulário e de sua sintaxe, participando dessas práticas de descrição e redescricao de si mesma, que a pessoa se constitui e transforma sua subjetividade” (LARROSA, 1994, p. 68). Assim, um dos primeiros procedimentos ao trabalhar com essa metodologia é entender a prática discursiva “como o princípio de dispersão e de repartição dos enunciados, segundo o qual se sabe o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo” (FISCHER, 2001, p. 203).

Ao tomar um dado discurso que produz *homúnculos* como objeto de análise, a *bruxa* assume a tarefa de desnaturalizá-lo, de buscar suas produções. Ou seja, o/a pesquisador/a que opera com a análise do discurso deve desfazer “os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas”, e buscar destacar “um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2005, p. 56). Pode-se dizer que cabe a ele/a perceber, no *alambique* com sua *lupa*, “como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto” (FISCHER, 1996, p. 108) e de que modo eles são usados para a produção de determinados *homúnculos*.

Entendendo que *homúnculos* são formados por emaranhado de discursos – “conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais” (FOUCAULT, 2003, p. 11) –, a *bruxa* reconhece que não são os *homúnculos* que “falam”, “discursam” ou “proferem” o discurso, como se esse fosse “a manifestação majestosamente desenvolvida de um sujeito que pensa, que conhece e que diz”<sup>7</sup> (FOUCAULT, 2005, p. 61). Vale pontuar que, ao procurar conhecer a criação do *homúnculo* e, por conseguinte, analisar seu elemento formador – os discursos –, não se busca o sentido oculto ou o que está por traz do discurso. Afinal, na *alquimia*, sabe-se que não há “um tesouro indeterminado das significações ocultas” (FOUCAULT, 1970, p. 19). Prima-se, então, pelo “princípio de exterioridade” dos discursos (FOUCAULT, 1970, p. 19) e trabalha “com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar”

(FISCHER, 2001, p. 198). A *bruxa alquimista* sabe, inspirada no pensamento foucaultiano, que na análise do discurso precisa mostrar como os diferentes discursos “remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significação que podem ser comuns a toda uma época” (FOUCAULT, 2005, p. 134).

Para facilitar a procura da invenção, a *bruxa* pode operar inspirada em procedimentos das análises foucaultianas, tanto oriundos da *arqueologia* como da *genealogia*. Com *pinças* e *cadinhos*, a *bruxa alquimista* opera com a arqueologia – *ferramenta* que “interroga o já dito ao nível de sua existência” (FOUCAULT, 2005, p. 149), que “extraí os acontecimentos como se eles estivessem registrados em um arquivo” do *alambique* (FOUCAULT, 2006a, p. 257). Ela sente a necessidade de identificar de onde vem, de onde parte cada discurso. Assim, é necessário compreender como os “enunciados que nesse tempo e lugar se tornam verdade, fazem-se práticas cotidianas, interpelam sujeitos, produzem felicidades e dores, rejeições e acolhimentos, solidariedades e injustiças” (FISCHER, 2003, p. 378). A *bruxa* opera com o discurso escolhido para investigar de modo a situar as “coisas ditas” em campos discursivos. Isto é, extraí delas “alguns enunciados e coloca-os em relação a outros, do mesmo campo ou de campos distintos” (FISCHER, 2001, p. 205).

Porém, ao separar com a *pinça* cada enunciado que forma o discurso, o *homúnculo*, e dispor em *cadinhos*, a *bruxa* percebe que o enunciado não cabe no recipiente. Essa é uma tarefa impossível por se fazer evidenciar, entre os enunciados, “jogos de relações” (FOUCAULT, 2005, p. 32). Além disso, a *bruxa* sabe que sua busca não é pela origem do discurso, mas sim que “é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (p. 28). “A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2005, p. 32). Mas, entender essas condições de possibilidade – “constituição do sujeito na trama histórica” (FOUCAULT, 2007a, p. 10) – não é simples: os *pergaminhos* estão “embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2007b, p. 15). Isso exige do/a *genealogista* “a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência” (FOUCAULT, 2007b, p. 15).

O *homúnculo* é “ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem” (FISCHER, 2001, p. 207). Assim, ao ser formado por tais discursos – que determinam “qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2005, p. 108) –, como o *homúnculo* se vê? Quais posições de sujeito lhe são demandadas? Ao

atentar para isso, a *bruxa* passa a utilizar procedimentos retirados da genealogia – análise das “práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios” (FOUCAULT, 2006b, p. 11) “a partir de uma série de práticas e processos contingentes” (ROSE, 2001b, p. 35). Isso corresponde a buscar investigar os modos de subjetivação que “são todos os processos e as práticas heterogêneas por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (PARAÍSO, 2006, p. 101).

Passar de procedimentos arqueológicos para procedimentos genealógicos implica numa “necessidade de dirigir a leitura ‘horizontal’ das discursividades para uma análise ‘vertical’ – orientada para o presente – das determinações históricas de nosso próprio regime de discurso” (REVEL, 2005, p. 17). No entanto, a *bruxa* desta pesquisa opta por operar sua *metodologia alquimista* com a *ferramenta* arqueo-genealógica. Nas relações entre *alquimia* e *homúnculos*, estabelecem-se relações de poder-saber multidirecionais. Assim, ao mesmo tempo em que se quer fabricar *homúnculos* para serem de uma ou de outra forma, para agirem de tal maneira ou comportar-se de tal modo, seguindo certos critérios de verdade, esses seres são livres para constituírem sua subjetividade.

Apontando alguns *procedimentos arqueo-genealógicos usados na metodologia alquimista*, podemos dizer que uma *bruxa* fica atenta a cuidados, tais como: 1) Demorar para marcar as singularidades dos acontecimentos; 2) Espreitar os acontecimentos naquilo onde menos se espera, naquilo que não possui história, que é silenciado para a história da verdade não se apagar; 3) Aprender o retorno do acontecimento, para redesenhar as diferentes cenas que ele aparece (em outro tempo, em outro discurso); 4) Definir os pontos de lacuna dos acontecimentos; 5) Descrever minuciosamente as multiplicidades dos conflitos e as dispersões; 6) Organizar os fragmentos de um saber explicitando suas interligações e implicações; 7) Explicitar sempre as condições de possibilidade, interligando as coisas ditas em locais e tempos diferentes; 8) Mostrar o funcionamento: as técnicas e os arranjos sutis para mostrar verdades e produções dos sujeitos; 9) Fazer aparecer a microfísica do poder, mostrando os dois lados do poder, o confronto entre ambos; 10) Identificar a constituição de sujeitos nessas articulações entre saber e poder; 11) Mapear como diferentes discursos operam para formar sujeitos que se reconhecem em determinados saberes e verdades; 12) Percorrer os modos pelos quais o sujeito é convidado a posicionar-se frente a diferentes formações discursivas, por vezes conflitantes; 13) Fazer aparecer os dispositivos positivos; 14) Demorar no detalhe, pois o poder é uma anatomia do detalhe (FOUCAULT, 2007a, 2007b, 2005).

## 5 UMA ALQUIMIA NA CAVERNA

Já sabemos que a *Metodologia Alquimista* gosta do não-método, da mistura, da magia, da possibilidade, do proibido, do risco. Em sua *caverna*, a *bruxa* pode operar articulando procedimentos de duas correntes metodológicas: “a etnografia e as análises discursivas ou textuais” (PARAÍSO, 2004, p. 55). Por meio de alguns de seus procedimentos, recria os *homúnculos* em sua *caverna*. Podemos valer de técnicas inventadas para experimentar, percorrer vestígios discursivos e explorar a emergência de dadas origens. Enfim, imaginar, registrar e construir “realidades”. Seduzidos/as por essa forma de pesquisar, pesquisadores/as podem exercitar a referida metodologia, seguindo etapas pretendidas por uma *bruxa alquimista* que quer realizar *alquimias* em *cavernas* denominadas das mais diversas formas nos *cenários educativos*: currículos, salas de aula, materiais pedagógicos, recreios, visitas a museus, aulas de campo, atividades de produção, etc. Em cada etapa, é preciso inventar métodos próprios.

Numa primeira etapa, pode-se, por exemplo, escolher e caracterizar os *materiais inferiores* a serem *transmutados* na *caverna*. Seleciona-se o *cenário educativo* a ser experimentado. Como nada acontece isoladamente e sem contextos específicos, busca-se conversar com coordenação pedagógica para explicitar os objetivos e procedimentos metodológicos da *alquimia*, pede-se permissão para realizar tal pesquisa e solicita-se o plano político-pedagógico do ano letivo. Firma-se os compromissos éticos com pais, professores/as e coordenação escolar de modo a assinar termos de responsabilidade e de consentimento para os devidos usos do material empírico a ser analisado. Sim, na *metodologia alquimista* de nossos tempos, não podemos nos esquivar desses procedimentos ao dirigir-nos a uma escola para pesquisarmos.

A segunda etapa, por sua vez, corresponde ao desenvolvimento e ao exercício de métodos de fabricação da *Pedra Filosofal* para uma produtiva *transmutação* em *ouro*. Desse modo, acompanha-se as atividades desenvolvidas na *caverna* escolhida. Observa-se os acontecimentos, registra-se as “enunciações”, os gestos e as emoções, percebe-se as demandas e as sensações, entende-se a dinâmica escolar, anotando-os em *pergaminhos* que podem ser um caderno de notas, uma caderneta, folhas avulsas, qualquer espaço em que a *bruxa-pesquisadora* possa escrever o que passa, o que lhe passa e que possa servir para suas *transmutações*. Aproveita-se as conversas informais dos/as alunos/as entre si ou com os/as professores/as e as entrevistas que pode-se realizar com eles/elas. Recolhe-se os roteiros das

práticas, os materiais didáticos que forem possíveis, exemplares dos livros didáticos utilizados, anotações, desenhos, os exercícios, as atividades propostas, os estudos dirigidos, os relatórios de aula, as avaliações. Fica-se atento/a, ainda, à organização das aulas, à estrutura dos espaços destinados a atividades específicas, às vestimentas, aos materiais, aos métodos, às instruções do/a professor/a.

De modo não menos importante, atenta-se ao fato de que os/as docentes e discentes que farão parte da *alquimia* são confrontados/as, atravessados/as e subjetivados/as diariamente por diferentes práticas discursivas. Mídia, sites de entretenimento, revistas científicas, formação acadêmica, pesquisas em educação científica, práticas cotidianas disputarão espaço na produção de significados sobre os saberes escolares, seu ensino e modos de ser-professor/a e de ser-aluno/a, construindo uma dinâmica específica nessas aulas. Assim sendo, deixa-se tornar material empírico qualquer artefato cultural que se apresentar conectado ao objeto de análise. Afinal, é necessário perceber os *acontecimentos*, quando nas diferentes formações discursivas o poder toma uma outra forma e produz um novo enunciado por algum outro ter perdido seu efeito em meio aos conflitos e dispersões.

A terceira etapa se inscreve na necessidade de *percorrer* os modos de subjetivação demandados na produção dos *homúnculos* na caverna. Para tal investimento, torna-se necessário transcrever todo o material empírico. Feito isso, passa-se a operar com a *arqueogenealogia*, demarcando as práticas discursivas e seus enunciados com o intuito de mapear de onde eles “falam”, bem como evidenciar as relações de poder-saber e regimes de verdade existentes. Assim, deixa-se aparecer uma microfísica do poder, ao estudar as condições de possibilidade dos discursos ao passo que interliga-se fragmentos de saber e de verdade – suas interligações e implicações – produzidos em torno do sujeito. Explicita-se, detalhadamente, os espaços nos quais alunos/as e professores/as aprendem acerca dos saberes debatidos na escola, além das tecnologias, técnicas de si e técnicas de dominação<sup>8</sup> acionadas para fazer funcionar os currículos. Enfim, problematiza-se as posições de sujeito demandadas.

## 6 Desejos alquimistas

Então, qual seria a melhor descrição do que um *alquimista* ou uma *bruxa* faz em sua *caverna*? Eis que um *alquimista* responde e se interroga: – *A repetição indefinida da experiência.* – *O que espera ele?* – *A preparação das trevas.* – *O gás electrónico.* *A água dissolvente.* – *Será a pedra filosofal energia em suspensão?* – *A transmutação do próprio*

*alquimista* (PAWELS; BERGIER, 1985, p. 147). Chegamos a um ponto interessante: a *bruxa alquimista* com sua *metodologia alquimista* não quer transmutar *ouro* ou reproduzir *homúnculos*. Ela deseja sua própria *transmutação*, uma espécie de *liberação do espírito*, de elevação interior, da passagem do material ao espiritual. Para fazer funcionar a *Metodologia Alquimista*, precisa-se entender que ela é regida pelo que está no interior da *bruxa alquimista*, que a *alquimista* pesquisa para ela, para satisfazer uma “insatisfação com o já sabido” (CORAZZA, 2002, p. 111).

Ao construirmos uma *metodologia alquimista*, ao nos situarmos como pesquisadoras *alquimistas* em educação e em currículo, insatisfeitas com o já sabido e os costumeiros ditos, buscamos construir um texto, uma realidade, uma escrita acerca do que observamos, experimentamos e inventamos (Ver MEYER; PARAÍSO, 2012) em nossas etnografias pós-modernas, ou *pedras filosofais*. Seria isto, então, uma ciência? Uma arte? Ou pura magia? Talvez se trate mesmo de uma ciência-arte-magia! A *metodologia alquimista* considera, por um lado, a ciência como um artefato cultural, como inserida em disputas por significações, como propícia às impregnações por outros artefatos que venham para movimentar análises e pensamentos, interrogações e problematizações. Por outro lado, sabemos que também estamos inscritos/as nesse campo específico de produção de saberes. Por isso, também somos solicitados/as a explicitar objetos e objetivos, questões e problematizações, fundamentação teórica e caminhos metodológicos. Esse processo é, também, magia. Afinal, a pesquisa em educação é nosso ofício e nossa paixão; nosso trabalho e nossa magia; nosso campo de ação e nossa fonte de inspiração; nossa *caverna* de experimentações, nossa fonte de *alquimias* e, porque não, de alegrias.

## REFERÊNCIAS

BEVILAQUA, C. **Etnografia do Estado**: algumas questões metodológicas e éticas. Revista. *Revista Campos*. n. 3. Curitiba, pp. 51-64, 2003.

BUJES, M.I. Descaminhos. **In**: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos II*: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro DP&A, 2002.

CLIFFORD, J. Introduction: Partial Truths. **In**: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CRAPANZANO, V. Hermes' dilemma: The masking of subversion in ethnographic description. **In**: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CORAZZA, S. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. **In**: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos Investigativos*: novos olhares na pesquisa em Educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 105-132.

COSTA, M.V. Introdução. Novos olhares na pesquisa em Educação. **In**: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos*: novos olhares na pesquisa em Educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 13-22.

COSTA, M.V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. **In**: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em educação*: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FISCHER, R.M.B.. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **In**: *Perspectiva*. Florianópolis. V.1, n.02. Julho-Dez. de 2003 pp. 371-389

FISCHER, R.M.B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educa na (e pela) TV. **In**: *Educação e Pesquisa*. V. 28, n. 1. São Paulo, p. 151-162, jan/jun 2002.

FISCHER, R.M.B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **In**: *Caderno de Pesquisa*. n. 114. São Paulo, p. 197-223, nov. 2001.

FISCHER, R.M.B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese. 1996.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **In**: *Revista Brasileira de Educação*. n. 10, pp. 58-78, jan/fev/mar/abr de 1999 .

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. **In**: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Greal, 2007a pp. 1-14.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. **In**: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Greal, 2007b

FOUCAULT, M. Poder e Saber. **In:** MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Estratégias, Poder-Saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a pp. 223-240.

FOUCAULT, M. Diálogo sobre o Poder. **In:** MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Estratégias, Poder-Saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b pp. 253-266.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 2006c.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. Verdade e subjetividade. **In:** **Revista de Comunicação e Linguagem**. Lisboa, n. 19, 1993.

FOUCAULT, M. **As técnicas de si**. 1982, pp. 01-23, Disponível em <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/tecnicas.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2010.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 1970, pp. 01-29, Disponível em <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2010.

GOLDFARD, A.M.A.; FERRAZ, M.H.M. “Experiências” e “experimentos alquímicos e a experimentação de Hermann Boerhaave. **In:** GOLDFARB, A. M. A.; BELTRAN, M. H. R. (Org.). **O saber fazer e seus saberes**: experimentos, experiências e experimentações. São Paulo: Editora Livraria da Física; EDUC; FAPESP, 2006, p. 11-42.

JAIME JUNIOR, P. Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. **In:** **Civitas**. v.3 n.2. p. 435-456, jun./dez. 2003.

JORDÃO, P. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. **In:** **Revista de Iniciação Científica**. v. 4, n.1, 2004.

LACERDA, E.P. **Trabalho de campo e relativismo**: a alteridade como crítica da antropologia. **In:** *Comunidade Virtual de Antropologia*. Abr/maio de 2001. Disponível em <[www.antropologia.com.br/arti/colab/a5-eplacerda.pdf](http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a5-eplacerda.pdf)>, acesso em 15 de abril de 2010.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. **In:** SILVA, Tomaz T. da **O sujeito da Educação**: Estudos Foucaultianos. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LENTIN, J. **Penso, logo me engano**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MAGNANI, J.G.C. A Antropologia Urbana e os desafios da Metrópole. *Tempo Social*. **In:** **Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, V. 15, n. 1. p. 81-95, Maio de 2003.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **In: Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, V. 17, n. 49, p. 11-29, junho de 2002.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental.* São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MEYER, D. PARAÍSO, M. Apresentação. **In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. (Org.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação.** 1ed. Belo Horizonte: Mazza, 2012, p. 15-22.

MONTEBELLO, N. ... revoltar-se? – contra si. **In: Revista Aulas – Foucault e as Estéticas da Existência.** Campinas. n. 7, p. 125-144, 2010.

MOSTAFA, S. P. O paper para a tradição documentalista. **In: Educação Temática Digital.** V. 6, n. 1. Campinas: dez. de 2004 pp. 68-79.

NELSON, C.; TREICHELER, P.A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. **In: SILVA, Tomaz (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** 7ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.7-38.

PARAÍSO, M.A.. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **In: Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

PARAÍSO, M. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo. **In: Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 67-82, 2005.

PARAÍSO, M.A. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. **In: Educação e Sociedade.** Campinas, V. 27, n. 94, p. 91-115, 2006 .

PAWELS, L.; BERGIER, J. O Despertar dos Mágicos. Traduzido por Gina de Freitas. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

PORTO, P.A. O olhar do Químico Céptico sobre os experimentos de Van Helmont. **In: GOLDFARB, Ana M. A.; BELTRAN, Maria H. R. (Org.) O saber fazer e seus saberes: experimentos, experiências e experimentações.** São Paulo: Editora Livraria da Física; EDUC; FAPESP, 2006, p. 171-198.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSE, N. Como se deve fazer a história do Eu? **In: Educação e Realidade.** V. 26, n. 1. p. 33-58, Jan-Jun 2001.

SILVEIRA, R.M.H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. **In: COSTA, Marisa V. (Org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 119-142.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P.. **Linhas de Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TVARDOVSKAS, L.S. Ana Miguel, Rosana Paulino e Cristina Salgado. **In: Revista Aulas –**

Foucault e as Estéticas da Existência. Campinas. n. 7. 2010 pp. 59-96.

TYLER, S.A. Post-modern ethnography: from document of the occult to occult document. **In:** CLIFFORD, James; MARCUS, George E. **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography.** Berkeley: University of California Press, 1986.

VEIGA-NETO, A. Olhares... **In:** COSTA, Marisa V. (org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 23-38.

VEIGA-NETO, A. Entrevista concedida por Alfredo Veiga-Neto a Gilka Girandello. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n, 05, 2003, p. 207-216.

WIELEWICKI, V.H.G. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. *Acta Scientiarum.* V.23, n. 01, 2001 p. 27-32.

### Notas:

---

<sup>1</sup> Ver um estudo sobre as pesquisas pós-criticas sobre currículo no Brasil em Paraíso (2005).

<sup>2</sup> Texto extraído de Goldfarb e Ferraz (2006).

<sup>3</sup> Referimo-nos a antropólogos como Malinowski (1984) e Lévi-Strauss (1970).

<sup>4</sup> Trecho retirado da obra intitulada *De Natura Ruran* escrita em 1537 pelo alquimista Paracelso. Disponível em <<http://www.apfertilidade.org/blog/2010/01/11/o-homunculo-entre-o-desejo-e-a-ficcao/>>, acesso em 14 de abril de 2011.

<sup>5</sup> Assim, essa idéia opõe-se à originalidade individual: “princípio de regularidade” dos discursos (FOUCAULT, 1970, p. 19).

<sup>6</sup> Enunciado seria a unidade do discurso, mas “não é uma unidade do mesmo gênero da frase, [...]. É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos [...] Uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2005, p. 97-98).

<sup>7</sup> Com isso, destitui-se a idéia de unidade: “princípio de especificidade” dos discursos (FOUCAULT, 1970, p. 19).

<sup>8</sup> Por técnicas de si, entende-se como práticas de “atenção a si mesmo” (TVARDOVSKAS, 2010, p. 64), “formas pelas quais os indivíduos vivenciam, compreendem, julgam e conduzem a si mesmos” (ROSE, 2001, p. 41). Por outro lado, técnicas de dominação ou “técnicas de poder” (FOUCAULT, 1982, p. 02) dizem respeito à condução do comportamento do outro, a uma espécie de dominação de uns sobre os outros (FOUCAULT, 1993).